

Beba Cerma. Um tesouro de cerveja.

No Senado, a crise em debate

A crise brasileira foi o tema dos pronunciamentos dos líderes do Governo, do PMDB e do PDT, ontem no Senado, mas os debates transcorreram num clima de tranqüilidade, com colocações mais ou menos semelhantes, embora, da parte dos oposicionistas, tais posições tivessem sido acompanhadas de críticas ao encaminhamento dos principais problemas do País.

Numa síntese, os líderes disseram o seguinte:

Aloysio Chaves, do PDS — A crise brasileira decorre de uma crise mais ampla, de caráter internacional. O debate é indispensável, mas corre o risco de não encontrar esclarecimentos na medida necessária.

Humberto Lucena, do PMDB — O Congresso precisa se adaptar aos novos tempos. Chegou a hora de o Legislativo reagir, partindo para a ofensiva. A solução seria uma ampla reforma constitucional, na impossibilidade de se convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, já que o Governo não se sensibilizou pelo tema.

Roberto Saturnino, do PDT — O Congresso ficou de fora na mais importante operação internacional de nossa história mais recente, o contrato com o FMI. Se necessário, deve-se re-

correr ao judiciário.

O líder do PDT foi o que dirigiu críticas mais profundas ao Governo, acusando-o de se manter dentro de uma "visão caolha". Contudo, se declarou disposto a atender à trégua proposta "timidamente apresentada" pelo Presidente João Figueiredo. Ele entende que há soluções e lembrou ter a oposição feito repetidas advertências ao Governo, que, a despeito disso, se manteve mudo.

Não concorda Saturnino em cancelar a recessão e a submissão ao FMI. Ele considerou a recessão como pior solução para o País.

ENTENDIMENTO

O líder do PDS, que foi o primeiro a discursar, pregou o entendimento nacional para que o País possa sair da atual crise, considerando que a etapa final da abertura política deverá se concretizar de maneira exemplar, desde que os políticos tenham capacidade de superar divergências menores.

Em seu pronunciamento, ele fez uma análise da crise mundial, entendendo que ela poderá ser superada com a criação de novos mecanismos de convivência internacional. Disse ainda esperar que todos possam caminhar juntos, acreditando que, no plano interno, o povo brasileiro saberá

cerrar em torno do presidente João Figueiredo.

REFORMAS

O líder do PMDB, Humberto Lucena, lembrou que, há um ano, advertia que o País corria o risco de ter um governo sem credibilidade. Agora, para que o País possa sair da crise, só resta uma ampla reforma constitucional, já que, a seu ver, se torna impossível prosseguir na bandeira oposicionista pela Assembleia Nacional Constituinte. A reforma deve incidir em pontos importantes, como o restabelecimento de eleições diretas para presidente da República.

PERGUNTAS

O líder do PDT, Roberto Saturnino, preferiu conduzir o seu pronunciamento com uma série de perguntas, a seu ver até agora não respondidas pelo Governo, a começar pelos pedidos de demissão de diversos e importantes funcionários do segundo escalão. Relembrou que os episódios da morte do jornalista Alexandre Baumgarten, o caso Capemi, o escândalo da Delfin, além de outros, para estranhar o comportamento do Governo em torno desses problemas.

Num exame mais profundo da crise nacional, Saturnino sustentou a tese de que o Governo não acionou a tempo os mecanismos de defesa da economia bra-

leira. Garantiu que tudo era previsível e que não faltaram advertências dos oposicionistas, "mas o Governo, com um formidável arsenal de informações, não quis ver, preferindo jogar a culpa nos países mais ricos". Sustentou também que o Brasil está dentro de uma moratória disfarçada e disse não se conformar com o acordo firmado com o FMI, advertindo que, se for necessário, irá ao Judiciário para obrigar o Governo a ouvir o Congresso e dele ter participação em atos desse porte.

SARAIVA

O senador Luiz Cavalcante (PDS-AL) foi o único apartante do líder do PDT, intervindo três vezes no discurso. Num deles, respondeu a uma indagação de Saturnino, quando este sustentou que até agora não se sabe se existe ou não o "Relatório Saraiva".

Na sua intervenção, Cavalcante sustentou que o próprio coronel Saraiva lhe dissera ter feito o relatório, que leva o seu nome e o enviou às autoridades competentes.

O senador Nilo Coelho abriu a primeira sessão ordinária do Senado, ontem, dois minutos antes das 14h30, mas a prensa foi interpretada como medida para permitir que todos os líderes partidários pudessem falar.